

GULLANE, em co-produção com WARNER BROS. PICTURES, CASA REDONDA, BURITI FILMES e RIOFILME, com o patrocínio de PETROBRAS, apresentam:

AS MELHORES COISAS DO MUNDO

Um filme de Laís Bodanzky
com roteiro de Luiz Bolognesi

Filme inspirado na série de livros “Mano” de Gilberto Dimenstein e Heloísa Prieto.

Elenco:

Paulo Vilhena, Caio Blat, José Carlos Machado, Gustavo Machado e Fiuk

Participação Especial:

Denise Fraga

Apresentando

Francisco Miguez

Assessoria de Imprensa:

CDN

Letícia Diniz, Gustavo Pereira e Vinicius Cardoso

leticia.diniz@cdn.com.br; gustavo.pereira@cdn.com.br; vinicius@cdn.com.br

Telefone: (11) 3643-2714 / 3643-2824

ÍNDICE

<u>Apresentação</u>	<u>Página 03</u>
<u>Elenco e Ficha Técnica</u>	<u>Página 04</u>
<u>O Filme</u>	<u>Página 05</u>
<u>Sinopse</u>	<u>Página 07</u>
<u>A direção de Laís Bodanzky</u>	<u>Página 08</u>
<u>O roteiro de Luiz Bolognesi</u>	<u>Página 12</u>
<u>Sobre o Elenco</u>	<u>Páginas 14 a 26</u>
<u>A Produção de Caio Gullane e Fabiano Gullane</u>	<u>Página 27</u>
<u>Fotografia – Mauro Pinheiro</u>	<u>Página 29</u>
<u>Montagem – Daniel Rezende</u>	<u>Página 29</u>
<u>Direção de arte – Cassio Amarante</u>	<u>Página 30</u>
<u>Trilha Sonora – BiD</u>	<u>Página 32</u>
<u>Preparação de Elenco – Sérgio Pena</u>	<u>Página 33</u>
<u>Produção de elenco – Alessandra Tosi</u>	<u>Página 35</u>
<u>Figurino – Caia Guimarães</u>	<u>Página 37</u>
<u>A série de livros “Cidadão-Aprendiz”</u>	<u>Página 38</u>
<u>Gilberto Dimenstein</u>	<u>Página 38</u>
<u>Produção</u>	<u>Página 41</u>
<u>Co-produção e Distribuição</u>	<u>Página 42</u>
<u>Patrocinadores</u>	<u>Página 43</u>

As Melhores Coisas do Mundo

A liberdade tão sonhada de um menino que, aos quinze anos, é lançado para o complexo mundo dos adultos

Apresentação

O filme de Laís Bodanzky, diretora dos aclamados “Bicho de Sete Cabeças” e “Chega de Saudade”, conta a história de um garoto de 15 anos em plena transformação.

As Melhores Coisas do Mundo retrata o universo de Hermano, conhecido como Mano (Francisco Miguez). Adolescente de classe média, filho de intelectuais, mãe (Denise Fraga) e pai (Zé Carlos Machado) professores de pós-graduação e irmão mais novo de Pedro (Fiuk). A chegada do mundo adulto vem cercada de dificuldades de tirar o fôlego e exige do protagonista uma grande transformação em sua forma de ver o mundo.

O roteiro é assinado por Luiz Bolognesi, também roteirista de “Bicho de Sete Cabeças”, “Chega de Saudade” e “Terra Vermelha”, montagem primorosa de Daniel Rezende e produção coordenada pelos irmãos Caio e Fabiano Gullane.

O projeto foi livremente inspirado na série de livros “Mano”, de Gilberto Dimenstein e Heloísa Prieto. É uma produção da Gullane em coprodução com Casa Redonda, Buriti Filmes e Warner Bros. Pictures.

ELENCO

Hermano _____ FRANCISCO MIGUEZ
Pedro _____ FILIPE GALVÃO (FIUK)
Camila _____ DENISE FRAGA
Horácio _____ ZÉ CARLOS MACHADO
Carol _____ GABRIELA ROCHA
Deco _____ GABRIEL ILLANES
Gustavo _____ GUSTAVO MACHADO
Artur _____ CAIO BLAT
Marcelo _____ PAULO VILHENA

FICHA TÉCNICA

Direção: Laís Bodanzky

Produtores: Caio Gullane, Fabiano Gullane, Debora Ivanov e Gabriel Lacerda

Co-produtores: Jasmin Pinho e Minom Pinho

Roteiro: Luiz Bolognesi

Direção de Fotografia: Mauro Pinheiro Jr.

Direção de Arte: Cássio Amarante

Figurino: Caia Guimarães

Montagem: Daniel Rezende

Trilha Sonora: BiD

Som Direto: Louis Robin

Desenho de Som: Alessandro Laroca

Mixagem: Armando Torres Jr. e Alessandro Laroca

Produção de Elenco: Alessandra Tosi

Preparação de Elenco: Sergio Pena

Coordenação Internacional: Manuela Mandler

Coordenação de Marketing: Fred Avellar

Direção de Produção: Pablo Torrecillas

Coordenação Executiva: Sônia Hamburger

Produção Executiva: Rui Pires e Caio Gullane

Co-produção: Warner Bros. Pictures, Casa Redonda e Buriti Filmes

Produção: Gullane

Distribuição: Warner Bros. Pictures

Elenco: Denise Fraga, José Carlos Machado, Gustavo Machado, Paulo Vilhena, Caio Blat e Fiuk

Apresentando: Francisco Miguez

O FILME

A película traz um retrato sincero do universo adolescente. Traz ao espectador temas recorrentes no cotidiano dos jovens, como escolhas e ética, medo, preconceito, bullying e o sentido de amizade, de família e do amor.

Laís Bodanzky entende que não há divisão entre entretenimento e cultura. “Cinema é reflexão, cidadania e educação”, afirma. Para realizar “As Melhores Coisas do Mundo”, Laís e o roteirista Luiz Bolognesi visitaram escolas e realizaram pesquisas de campo com jovens. O roteiro foi lido e criticado por diversos grupos de adolescentes e o elenco principal foi selecionado entre 2500 jovens estudantes em fase escolar.

O produtor Fabiano Gullane afirma que o filme tem linguagem e temática focados nos adolescentes, mas por seus temas universais e abordagem abrangente o filme emociona também os adultos. “Todos aqueles que foram ou são adolescentes vão se emocionar com o filme”, afirma o produtor.

Inspirado na série infanto-juvenil *Mano: Cidadão-Aprendiz* escrita por Gilberto Dimenstein e Heloísa Prieto, o projeto partiu do convite feito pela Gullane Filmes à diretora, que resolveu debruçar-se sobre o universo adolescente.

A música em “As Melhores Coisas do Mundo” foi cuidadosamente desenvolvida pelo produtor musical BiD. Assim como acontece normalmente entre os adolescentes, a música ocupa um lugar importante na vida do protagonista Mano e de outros personagens da trama; funciona como um canal de expressão capaz de traduzir sentimentos impossíveis de serem verbalizados. Mano aprende a tocar violão com Marcelo (Paulo Vilhena), mas o que ele realmente aspira é tocar guitarra. Pedro, o irmão mais velho, também toca o instrumento. Os irmãos carregam a sensibilidade de quem conversa com a vida através da música.

O filme possui uma trilha sonora urbana, com a cara de uma metrópole como São Paulo. Inclui a canção “Something” dos Beatles e a composição original de Arnaldo Antunes e BiD chamada “As Melhores Coisas”. No trailer, é possível também escutar a canção “Rock de Areia”, do grupo General Lee. Ainda para compor a trilha, bandas de escolas foram selecionadas através de CDs demo enviadas à produção, enriquecendo o filme com o realismo buscado pela diretora.

A direção de fotografia é assinada pelo pernambucano Mauro Pinheiro, responsável também por “Mutum”, de Sandra Kogut, e “Linha de Passe”, de Walter Salles e Daniela Thomas.

A direção de arte ficou a cargo de Cássio Amarante, o mesmo de “O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias”, de Cao Hamburger. A montagem é do premiado Daniel Rezende, ganhador do BAFTA pelo filme “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles.

A preparação de elenco é de Sergio Penna que também trabalhou em “Bicho de Sete Cabeças” e “Chega de Saudade”. Foi responsável por preparar o ator Rodrigo Santoro em “Che” e os atores de “Lula - O Filho do Brasil”, de Fábio Barreto.

No elenco, a atriz Denise Fraga interpreta a sensível Camila, professora universitária e mãe de Mano e Pedro. Zé Carlos Machado faz o papel de Horácio, pai dos meninos.

O elenco conta também com atores estreantes no universo cinematográfico, como é o caso de Francisco Miguez, intérprete do protagonista Mano; do jovem ator e músico Fiuk, que interpreta o irmão de Mano, Pedro; e de Gabriela Rocha, que vive a melhor amiga de Mano, Carol.

No filme, Laís Bodanzky trabalha com jovens estreantes no cinema. Com isso, optou por buscar a naturalidade nos diálogos e fluidez na utilização de gírias. Essa é uma das sutilezas presentes no filme.

As falas acabam tornando as atuações menos engessadas e caricaturais, enriquecendo as personagens. Assim foram incluídas expressões típicas desta geração, como “você vai dar pt”, quando um garoto se refere aos gols exagerados do amigo na vodka; ou o comentário da personagem Carol (Gabriela Rocha) sobre outras garotas da escola “Putá menina de vitrine”. A sensação é de um flagrante da vida real.

Caio Blat interpreta Artur, professor e ex-aluno do colégio em que Mano estuda. Admirado pelos alunos, Artur instiga-os a buscarem autenticidade e questionamento.

Paulo Vilhena vive o papel de Marcelo, instrutor de violão de Mano, que o incentiva a se expressar através da linguagem musical, motivando seu amadurecimento.

“As Melhores Coisas do Mundo” é uma produção da Gullane, em parceria com a Casa Redonda e a Buriti Filmes. O longa-metragem será distribuído nacionalmente pela Warner Bros. Pictures.

O que é ser jovem hoje?

Sabe quando você descobre o tamanho do mundo e tropeça?

O filme capta a sensação que se tem quando se é jovem: o de viver um momento único, de que o mundo não tem limite e onde tudo que se faz tem sensação de ter sido realizada pela primeira vez. Mas, essa segurança é rompida quando o personagem encara seu primeiro desafio.

A iniciação sexual em um prostíbulo com os amigos, a separação dos pais, a dor em aceitar a nova condição de uma família não convencional. A paixão pela garota mais

desejada da escola. A traição do melhor amigo e a descoberta do verdadeiro amor. É sobre isso que se trata “As Melhores Coisas do Mundo”.

De temas e momentos eleitos como únicos e decisivos em nossas vidas.

SINOPSE CURTA

Mano tem 15 anos, adora tocar guitarra, beijar na boca, rir com os amigos, andar de bike, curtir na balada. Um acontecimento na família faz com que ele perceba que virar adulto nem sempre é tarefa fácil: a popularidade na escola, a primeira transa, o relacionamento em casa, as inseguranças, os preconceitos e a descoberta do amor.

Com roteiro de Luiz Bolgnesi, direção de Laís Bodanzky, produção coordenada pelos irmãos Gullane, o filme é inspirado na série de livros “Mano”, escritos por Gilberto Dimenstein e Heloisa Prieto.

SINOPSE LONGA

“As Melhores Coisas do Mundo” aborda sob a ótica juvenil, o cotidiano de um adolescente que irá se deparar com mudanças, capazes de ditar o novo rumo na vida do garoto.

O filme conta a história de Hermano, apelidado de Mano, menino de 15 anos, lançado a um cenário nunca antes vivido. Ao voltar de um dia normal no colégio o menino descobre a separação dos pais.

Mano seria apenas mais um na estatística de jovens que sofrem com a separação dos pais, se não fosse pelo motivo do rompimento.

As angústias e perdas marcadas por um período de intensa experiência perseguem o protagonista que, agora, junto com seu irmão mais velho se tornam os homens da casa.

“As Melhores Coisas do Mundo” é um filme jovem que busca retratar esse público através da trajetória de um menino de 15 anos, mostrando os caminhos que ele terá de percorrer para atingir o amadurecimento. Resultado de descobertas como a tolerância, compaixão e o verdadeiro valor da amizade e de sentimentos que se traduzem na idéia de que tudo que é sólido se desmancha no ar.

DIREÇÃO - Laís Bodanzky

De um salão de baile para a sala de aula

Como surgiu o convite para fazer um filme como *As Melhores Coisas do Mundo*?

A história desse projeto é muito interessante. Ele veio a convite da Gullane e da Warner Bros., e com ele, carta branca para executá-lo como quisesse. Foi um convite muito tentador, mas também provocativo, pois tínhamos, ali, que emprestar a nossa maneira de ver o mundo. O filme tem um formato diferente dos meus outros dois trabalhos “Bicho de Sete Cabeças” e “Chega de Saudade”.

Como se deu a escolha dos atores jovens para a trama? E, o trabalho para sua preparação?

O elenco principal, secundário e figuração, foram selecionados entre 2500 jovens estudantes em fase escolar. Se tornaram atores vivendo pela primeira a experiência da atuação neste filme.

A escolha gradativa do elenco nos deu mais segurança. O processo de seleção já era uma semi preparação para os atores. Os testes já eram bem focados. Quando começamos de fato a preparação de elenco, não começamos do zero.

Como foram esses testes?

Partimos da idéia que não deveríamos explicar quem eram os personagens. Quando se dá apenas algumas informações e situações chaves ao ator, ele é capaz de fazer o jogo sem a caricatura. Quando você delimita o personagem, a pessoa quer mostrar tanto seu conhecimento sobre ele, que acaba caindo na teatralidade. Sem perceberem, eles se apropriaram muito bem dos personagens.

Como é a sua relação de diretora com o trabalho do ator?

Gosto de trabalhar com atores que de uma forma contribuam, que sejam co-autores. Mas, essa demanda precisa ser oferecida por eles. É um pingue-pongue. É muito bom quando você vê um ator argumentando, refletindo sobre o universo da personagem.

No caso de “As Melhores Coisas do Mundo”, naturalmente, existe o conhecimento de mundo da vida deles (dos jovens). Os personagens se assemelham à vida real. Esses jovens tinham muito mais intimidade com o tema do que eu. Falavam com muita propriedade. Brinco que nesse filme eu tinha consultoria online.

O que a convenceu a dirigir um filme como “*As Melhores Coisas do Mundo*”?

O universo adolescente não é retratado no cinema brasileiro. Quando é retratado é de maneira caricatural. E, esse, é um público ávido por informação. Esse recorte me encantou. Falar do adolescente e para eles. Ou seja, usando a linguagem deles. Falar com sinceridade sem ser de cima para baixo.

Como foi a pesquisa de campo para a construção do roteiro de “As Melhores...”?

Foram realizados grupos de pesquisas em diferentes colégios de São Paulo, num total de sete instituições. Cada escola tinha um critério, entre as perguntas que fazíamos estavam como deveríamos falar e como não devemos fazer um filme que retratasse a sua realidade.

Essas conversas eram muito íntimas. Eu mesma até chorei. Fiquei emocionada ao ver que o adolescente quando percebe um espaço em que pode falar, desabafa. E a gente até se assusta. Ele se entrega mesmo. Eram sempre conversas fortes.

Através dessas conversas consegui levantar pontos comuns entre eles. E, um deles é que o adolescente fica mais tempo na escola do que na sua casa. Eles faziam questão de dizer que a família são seus amigos, aqueles com quem você convive. Queríamos trazer isso para o filme. Por isso, o universo da escola não podia ficar fora do filme.

Gostaria que você comentasse sobre os eixos escolhidos para tratar no filme, como a questão da ética e cidadania.

Em “As Melhores Coisa do Mundo” não precisamos forçar a barra quanto aos assuntos que foram trazidos à trama. Esses jovens falam de cidadania e ética sem perceber no seu dia a dia. No universo da casa, com a família os adolescentes funcionam como verdadeiras esponjas. Ouve comentários e acaba digerindo e volta para o mundo da forma como ele mesmo entendeu, não quisemos dar um tom didático.

Gostaria que você comentasse sobre uma das cenas mais sensíveis do filme, o momento em que a personagem Camila quebra os ovos...

Não sei se vou ter a sorte de fazer uma cena como essa novamente. Tão simples e ao mesmo tempo tão complexa. É uma cena que costumo dizer que é agridoce, você ri e chora ao mesmo tempo. Confesso que tinha medo dessa cena por ter um tom melodramático. Mas, durante a leitura do roteiro, a cena dos ovos era a que se destacava entre os adolescentes.

A cena não foi ensaiada. No dia da filmagem, conversamos melhor sobre ela para darmos uma coerência para a ação. E, então, pontuei: primeiro um ovo cai e esse ovo que cai sem querer acaba sendo a gota d'água.

O menino, como observador, transforma aquela gota d'água da mãe numa brincadeira, porque ele tem leveza pra isso.

Como foi trabalhar com atriz Denise Fraga e atores novatos como Francisco Miguez e Fiuk?

A Denise veio com muito desejo de interpretar a Camila, pois ela também é mãe. Entendeu muito bem o Francisco com o seu “abacaxi” de ter que carregar o filme nas costas, por ser o protagonista. A Denise deixou o Francisco chegar. Teve muita classe e muita humildade para que ele se sentisse à vontade. O Francisco é um menino muito reservado. Já o Fiuk é mais expansivo. Mais caloroso, se jogou de cabeça na figura de Pedro.

O interessante é que a personalidade antagônica de ambos dá a configuração necessária para interpretarem irmãos.

Fiuk tem carinho pelo seu personagem Pedro. Ele sofre com suas angústias. Desde o primeiro momento vi que estava de frente de um ator maduro. Ele conseguia compreender a dor do personagem. É um ator que consegue se dividir entre ser o personagem e ao mesmo tempo estar deslocado, com um olhar crítico e ultra consciente do trabalho que está exercendo.

Como trabalhar assuntos tabus, resultados de uma sensibilidade intensificada e que, na maioria das vezes, é levada às últimas consequências como no caso do personagem Pedro (interpretado por Fiuk)?

A questão do viver intensamente é algo que toca a humanidade. Com o passar do tempo, o resultado desse sentimento pôde ser identificado diante de experiências como a de um amor utópico, ou de uma dor muito forte. É algo que aflora principalmente na fase da adolescência. Resolvi trazer, então, esse sentimento para o filme e mostrá-lo com pode ser levado às últimas consequências. Queria que ele fosse visto através do universo familiar. Como no caso de Pedro, em que os pais não conseguem reconhecer o momento difícil pelo qual o filho está passando.

Como foi trabalhar com atores como Paulo Vilhena e Caio Blat?

Convidei o Paulo Vilhena para fazer o papel do professor de violão de Mano, Marcelo. Ele disse pra mim: “Não toco nada, mas imito perfeitamente!”. Mesmo não sendo músico, o Paulo tem aquele ar de sabedoria de mestre, que no surfe também aparece. E esse é um universo que para ele lhe é familiar. Todo adolescente tem seu mestre. Um tio, um irmão mais velho, um cantor.

Eu sempre quis trabalhar com Caio. Seu papel do professor Artur não é a de um sedutor pela beleza, mas sim pela fala, pelo seu engajamento e forma de se colocar.

Qual foi sua experiência com a equipe que trouxe para “As Melhores Coisas do Mundo”?

O Daniel Rezende (responsável pela montagem do filme) foi um parceiro importante nesse trabalho. Descobri também um amigo. Conseguimos amadurecer mais rápido o

filme com sua montagem paralela. Foi através dela, que pudemos descobrir falhas e filmar complementos de cenas. O Cássio Amarante como diretor de arte foi também uma figura chave para o processo. O Sérgio Penna que, com sua maneira descontraída com os jovens fez com que cada um buscasse sua forma para interpretar o personagem. Seu trabalho também foi responsável pelo amadurecimento desses atores.

BIOGRAFIA LAÍS BODANZKY

O primeiro trabalho audiovisual da paulistana Laís Bodanzky foi o curta-metragem 'Cartão Vermelho' (1994), que recebeu vários prêmios no Brasil e exterior. Em 2000 a cineasta dirigiu seu longa-metragem de estréia, 'Bicho de Sete Cabeças', ficção que alcançou grande sucesso de público e crítica, além de 47 prêmios nacionais e internacionais.

No campo dos documentários são da cineasta os filmes 'Cine Mambembe, o cinema descobre o Brasil' (1999) e 'A Guerra dos Paulistas' (2002). No teatro dirigiu a peça 'Essa Nova Juventude' (2005), de Kenneth Lonergan, com 2 indicações ao Prêmio Shell.

'Chega de Saudade', seu segundo longa-metragem de ficção, ganhou 13 prêmios no Brasil e exterior. Desde 2004 ela coordena com Luiz Bolognesi o projeto itinerante Cine Tela Brasil, as Oficinas de Vídeo Tela Brasil e o portal Telabr. Para o segundo semestre de 2010 prepara a peça de teatro Menecma, com texto de Bráulio Mantovani.

ROTEIRO – Luiz Bolognesi

Os adolescentes são seres espontâneos que de repente vêem a vida voar com os dois pés no seu peito.

Não queria fazer um filme sobre os 2% de adolescentes porralouca. Essa não é a realidade do jovem em geral

Como delimitou o roteiro do filme inspirado na série de livros infanto-juvenil que trazia a figura do personagem Mano?

Achei um território para atuar. Jovem, classe média, morador da zona oeste, pais professores. E aí fui a campo, com a Laís, ouvi-los. Das entrevistas, surgiram os temas do filme.

Como trouxe o universo adolescente para o roteiro?

A adolescência é um período muito marcante. As questões que marcam esse ritual nos marcam por toda vida. Por isso, me identifiquei com os temas e consegui puxar sentimentos da minha adolescência. O que reconhecia no depoimento dos meninos como algo forte, também havia sido forte pra mim. Desse jeito, procurei nas vivências dos jovens de hoje, nossas angústias universais.

Qual foi a participação dos jovens no processo criativo?

O meu método foi a pesquisa de campo. O trabalho passou a visitar o público adolescente, passar a tarde com eles, ainda sem uma pergunta específica. Perguntando apenas o que era importante na vida deles, como é o relacionamento com os pais. A partir dessas conversas foram surgindo temas. Quando finalizei o roteiro, chamei alguns meninos que participaram da pesquisa e outro grupo de jovens para um bate-papo para perguntar o que achavam do texto. E os adolescentes foram apontando pontos fracos, alguns personagens que deveriam ser mais pensados e outras nuances que deveriam ser repensadas.

Como trabalhou com a questão da improvisação dos personagens em cena?

O que fiz foi desistir de tentar falar como eles. A Laís me pediu para deixar que eles encontrassem seus próprios modos de dizer os diálogos escritos. Construí, então, as frases como um todo e eles faziam os cacós. Isso deu muita naturalidade e eles falavam com a sintaxe e punham os palavrões e as gírias que quisessem. A liberdade de se apropriar dos diálogos deu frescor e originalidade para o filme.

Qual direcionamento você quis dar ao roteiro de “As Melhores Coisas...” e o que mais lhe deu prazer durante o processo criativo?

O filme não tem um grande acontecimento externo, como um assalto, ou uma explosão. É um filme minimalista. O que fizemos foi traduzir a vida de pessoas comuns. Quis criar situações em que o espectador pudesse flagrar através das reações dos personagens e que ele mesmo pudesse traçar a personalidade do personagem. Não quis fazer diálogos didáticos. O filme busca situações em que pudemos construir personagens com verdades internas. Ou seja, pessoas que de fato existem.

Há no filme objetos carregados de simbologia que acabam se tornando verdadeiros personagens. Gostaria que comentasse sobre isso...

Tem certos objetos que ganham dimensão psicológica no filme. Antes de exercerem essa função é preciso criá-los. Como o gorro, em “Bicho de Sete Cabeças”. Em “As Melhores...” temos vários objetos protagonistas. Eles deflagram a evolução psicológica do personagem, como é o caso do violão. A atitude que Mano tem com seu violão no começo do filme é absolutamente diferente da que ele tem no final. O violão é um símbolo de *status* e que ao longo de sua vivência no filme vai se transformando numa forma de expressão com o mundo, na voz mais profunda do protagonista. A ampulheta de Pedro também tem essa função. A baqueta de bateria da Bruna e o caderno de anotações da Carol são outros objetos-personagens.

O que você espera do público?

“As Melhores Coisas do Mundo” é um filme que incomoda e que exige uma reflexão. Quero que os adolescentes e adultos se sintam tocados, assim como eu, quando assisto ao filme.

BIOGRAFIA LUIZ BOLOGNESI

Como diretor, Luiz dirigiu o curta ‘Pedro e o Senhor’ (1996); o premiado documentário ‘Cine Mambembe, o Cinema Descobre o Brasil’ (1999) e o documentário ‘A Guerra dos Paulistas’ (2002). Atualmente está dirigindo o longa-metragem de animação ‘Lutas’. Dentre seus inúmeros trabalhos como roteirista, destacam-se os filmes ‘Bicho de Sete Cabeças’ (2000); ‘Chega de Saudade’ (2007); ‘O Mundo em Duas Voltas’ (2007); ‘Terra Vermelha’ (2008) e ‘As Melhores Coisas do Mundo’(2010); a série ‘Animais do Brasil’ para a National Geographic.

SOBRE O ELENCO

FRANCISCO MIGUEZ

“Adorei ter trabalhado com a Laís. Ela me falou sobre coisas em que ainda penso.”

Aos 15 anos Francisco foi escolhido para viver durante dois meses o protagonista Mano. O filho mais velho da família Miguez é estudante do Oswald de Andrade, colégio de classe média de São Paulo. Aprendeu a tocar violão sozinho, para logo assumir a guitarra, que ganhou aos nove anos de idade. Essa é uma das curiosidades trazidas por Francisco para seu personagem. Além de sonhar com a guitarra, Francisco, como Mano, é um menino que está sempre cercado de amigos.

Sua relação com o filme foi despertada durante a pesquisa para o roteiro. O estudante, ao lado de jovens de outras escolas particulares, participou do processo de criação do enredo. Depois de um mês, resolveu fazer parte dos testes para montagem de elenco. Francisco lembra que um dos exercícios de improvisação sugeridos pelo preparador Sergio Penna se dava dentro de uma casa. Ao lado de fora, portanto, esperavam todos os candidatos. “Quando entrávamos na casa, estávamos em cena”, recorda. Numa semana chegou a ser chamado quatro vezes. Em uma delas teve que improvisar na frente apenas de uma pessoa: a diretora Laís Bodanzky.

Nesse momento, ainda não sabia o que reservava ao personagem. “Sabíamos apenas a essência de cada um”, comenta.

Com a sólida sensação de que faria o papel de Mano, Francisco recebeu o roteiro em mãos e o leu de um dia para o outro. “Quando conheci o resto do elenco já sabia o papel que cada um faria no filme”, comenta.

Ao todo foram dois meses de filmagem. Sua rotina se resumia a acordar às 5h30, filmar até as 17h30 e ir para a aula particular, que começava às 18h. “Hoje, penso nessa situação e acho muito surreal. Fiquei dois meses sem ir para a minha escola e sem meus amigos. Sem contato com o mundo”, lembra.

Ele nunca imaginou em trabalhar com cinema. Desde pequeno assiste a filmes. Apesar disso, confessa que a experiência de viver Mano foi única. “Adorei fazê-lo. Curti muito o set. Aprendi como se faz um filme, mas atuar não é a posição da qual me sinto mais confortável dentro desse universo”, comenta. Arrisca-se a dizer que pensa em trocar de lado. Acredita que seu lugar seja atrás das câmeras.

Sobre as filmagens

O alívio de Francisco durante todo o processo cinematográfico ocorreu quando as

filmagens começaram. Enquanto para alguns atores, mesmo os mais experientes, este é um dos momentos mais intensos e extenuantes de um trabalho, para Francisco foi quando pôde desempenhar o seu melhor. Por ser um rapaz tímido, não se soltava tão facilmente. Considerava os ensaios verdadeiros desafios, pois ali as atuações eram mais exageradas, mais teatrais. “Quando filmamos, os gestos eram menores”, explica.

Não se intimidou em contracenar com atores mais velhos e mais experientes. Trabalhar com Fiuk foi para ele como ter um irmão mais velho. “É um cara engraçado”, ri.

Diferente de Mano, Francisco já sabe o que quer. Gosta de ouvir clássicos do rock como Rolling Stones e Beatles. Mas, aprecia também o novo, como Franz Ferdinand. Em sua playlist constam grandes nomes do jazz como Miles Davis e Herbie Hancock. E, no cinema, atualmente, se dedica às obras de Godard e Bergman.

Francisco não é o típico menino de quinze anos. Possui um falar comedido. É do tipo que escolhe as palavras antes de responder. Tem um perfil reflexivo. Sabe o tamanho que tem o mundo e o quanto precisa dele para atingir a maturidade. Fala com a certeza de saber o que quer, mas com a dúvida de qualquer adolescente de quinze anos.

FILIPE GALVÃO (FIUK)

De família de artistas, Filipe Galvão é o irmão mais novo de Cléo Pires e filho do cantor Fábio Júnior. O jovem de dezoito anos teve seu *debut* como ator em *As Melhores Coisas do Mundo*, de Laís Bodanzky. “Ela é minha madrinha. Graças a ela, estou podendo viver tudo isso”, comenta. O lado artístico de Fiuk começou desde cedo, quando montou sua banda, Hori. Possui uma veia musical muito forte, herança do pai também cantor e ator. Sempre se dedicou a compor e aprender a tocar o violão e guitarra. “As Melhores Coisas do Mundo” é uma história da qual se identifica muito. E espera que o público sinta o mesmo.

O filme marca sua estréia no cinema. “Sempre morri de vontade de atuar. Eu pedi por isso minha vida inteira. Estou tratando essa oportunidade com o maior carinho do mundo”, ressalta. Na trama, Fiuk vive o personagem Pedro. Irmão mais velho de Mano, é um adolescente intenso, romântico, que diante de uma experiência mal sucedida, resigna-se com o amor. Para Fiuk, Pedro trouxe o desafio de ter que interpretar sentimentos nunca antes vividos. “Pedro me deu sabedoria e amadurecimento. Através dele, descobri o meu lado existencial”, define. O personagem de Fiuk, assim como ele, tem uma alma musical.

Uma curiosidade é que no filme, Pedro toca a música “Areia” (Arnaldo Antunes) no violão.

O jovem nunca cursou uma escola de interpretação. Acredita-se que sua naturalidade diante das câmeras tenha surgido de sua experiência nos palcos como músico e de uma concentração quase que intuitiva do artista. “Estava ali para aprender, por isso prestava muita atenção nos outros atores e como trabalhavam”, comenta.

Não se sentiu intimidado por trabalhar com grandes nomes do cinema e do teatro, como Denise Fraga. “Reparava em cada gesto dela. Queria devolver toda a confiança que ela nos passava em cena”, lembra.

Para ele, o maior desafio de sua vida até o momento foi mergulhar em algo totalmente novo, como o universo do ator e acreditar que poderia ter um bom desempenho. O músico e agora ator pensa em se dividir nas duas artes. “A arte é a minha vida e a música meu sangue”, define.

Hoje, vive o protagonista Bernardo na novela teen “Malhação ID”. Com a sua banda Hori, faz shows por todo o Brasil. “É tudo o que sonhei em fazer.”

DENISE FRAGA

A atriz Denise Fraga interpreta a mãe de Mano, Camila, professora universitária que terá que lidar com a recente separação.

Como foi fazer um papel como o da personagem Camila?

É a primeira vez que faço uma personagem da minha idade e mais próxima a mim. Camila não tinha nenhum traço de personalidade prévio, no qual tive o campo aberto para poder trabalhar. O que mais me deixou feliz foi o fato de já ter trabalhado em muitas coisas diferentes. Mas muitas vezes, por minha iniciativa. Fiquei muito feliz em receber o convite, pois pude ir para todos os cantos como atriz.

O que a motivou a trabalhar numa trama como o da “As Melhores Coisas do Mundo”?

“As Melhores Coisas do Mundo” se assemelha àquele tradicional jogo *O que você faria?*. O filme é provocativo e, com certeza, juntará amigos numa mesa de bar para ser discutido. Há muito nele para se pensar.

É muito esclarecedor para os pais. O adolescente é um ser calado por natureza e isso alimenta muito o imaginário dos pais. O filme provoca uma conversa. Qual é o problema da verdade?

O que achou da temática do filme, explorar conflitos na vida do jovem?

Uma das coisas bacanas que o filme traz é o fato dele tocar em questões difíceis. Acredito que estamos (a sociedade) ficando menos hipócritas. Assumir falas preconceituosas vindo de jovens. E isso, no filme, é feito com muita tranquilidade. O bacana do roteiro foi o poder tocar em temas considerados tabus.

É tão bonito como o roteiro opera uma transformação real na personagem do jovem. O aprendizado dele através da crise. Isso é muito bonito de se ver. E essa mesma transformação pôde ser vista nos próprios jovens que interpretaram o papel. A arte funcionou como poder transformador. Fico feliz quando meu trabalho faz refletir e ao mesmo tempo divertir.

O que achou do roteiro realizado por Luiz Bolognesi?

Adorei o roteiro. Principalmente toda a pesquisa que fizeram para construí-lo para explorar o universo adolescente. A forma como ele foi criado, através de muita pesquisa com os próprios jovens, me interessou muito. É brilhante a capacidade de um projeto ser transcrito pelo próprio campo de pesquisa.

Qual foi sua experiência em trabalhar com jovens atores? E a questão do improviso?

Adorei conversar com todos! Estar perto deles e da verdade, como processo, é um ganho muito grande, dá a chance de adquirirmos aquele olhar que signifique fora do previsto.

O trabalho no set também foi muito bacana. A personagem Camila tinha uma coisa com Mano (Francisco Miguez). Fran (como é carinhosamente apelidado pela atriz) é mais tímido. Mesmo assim, tinha aquele olhar que você vê que está pensando sobre. O Fiuk já tem uma presença de ator.

Qual é o grau de realidade a que se dedica em seus projetos?

O processo de atuação permite viver aquele momento. Como a casa em que moramos (a família de Mano) durante a filmagem. Você fica com cheiro daquela casa, porque de alguma maneira você viveu ali. A sensação de realidade é tão elevada que, quando ficar velhinha e já esclerosada, vou falar que morei ali. Essa experiência ficará na minha memória.

Como foi trabalhar com a diretora Laís Bodanzky?

Quando a Laís me ligou, aceitei o papel de cara sem ler o roteiro. Quando li, gostei ainda mais do projeto. A Laís é muito delicada no set, ela possui uma calma e um silêncio em cena muito bom. Adorei trabalhar com ela.

Como foi sua experiência com toda a equipe de profissionais de “As Melhores Coisas do Mundo”?

Os profissionais com quem trabalhei no filme recheiam ainda mais a atuação. Gostei muito de trabalhar com Sérgio Penna. A direção de arte de Cássio Amarante também foi primorosa. E estar ao lado de companheiros como Zé Carlos Machado também foi incrível.

O que há de semelhança na personalidade da personagem Camila e da atriz Denise Fraga?

O ponto comum é a culpa que ela carrega. O de conciliar a vida profissional com a presença na vida dos filhos. Procuo estar atenta todo o tempo pra isso.

O importante pra mim é a presença. Descobri com o nascimento dos meus filhos que mãe é uma chata de plantão! Toda mãe tem uma chata embutida dentro de si, que aparece quando menos se espera.

Na trama, há uma quebra de paradigma de que os pais que se encarregam de profissões mais distantes da formação do jovem são aqueles que mais se alienam sobre a vida de seus filhos. No filme, você interpreta uma professora de pós-graduação e Horácio (Zé Carlos Machado) professor de doutor em comunicação. Ambos, na figura de intelectuais...

A gente como pai não sabe a melhor maneira de educar. A educação é sempre um xeque-mate. Para eles (pais de Mano e Pedro) também isso é colocado à prova. O saber no âmbito familiar não se aplica a teoria do qual são profissionais.

Os pais tentam criar cartilhas para educar seus filhos. Mas como racionalizar sentimentos? Se é que existe alguma receita é afeto e paciência, que em minha opinião, são essenciais para a educação de um filho.

Todo pai se exige ser um pedagogo. Tem aquela culpa que todos nós carregamos que a de que temos que saber tudo. Isso não é verdade. A minha personagem não deixa a carreira de lado. Acho que ela quer parecer uma boa mãe e por isso deixa de lado a vida profissional.

Uma frase que traduz isso no filme é “Kant ficou pra mim no supermercado”.

BIOGRAFIA DENISE FRAGA

Com vasta atuação no cinema, televisão e teatro, Denise Fraga teve seu primeiro sucesso com a peça “Trair e Coçar é só Começar”, de Marcos Caruso. Atuou em novelas e em dezenas de longas-metragens. Seu último trabalho nos cinemas foi “Signo da

Cidade”, de Carlos Alberto Riccelli. Criou quadros “Retrato Falado”, “Copas de Mel”, “Te Quiero América” e “Norma” para o programa Fanstático!, da Rede Globo. Foi produtora do filme “O Contador de Histórias”, de Luiz Villaça. Ganhou diversos prêmios de melhor atriz. Em 2008, recebeu o troféu APCA pela atuação no espetáculo “A Alma Boa de Setsuan”, de Marco Antônio Braz.

PAULO VILHENA

BIOGRAFIA PAULO VILHENA

Paulo Vilhena começou sua carreira como modelo aos 17 anos, em seguida passou em alguns testes e participou do seriado *Sandy e Junior* (Rede Globo) por três anos. Em 2002 fez sua estréia nas novelas participando de *Coração de Estudante*, e de lá pra cá trilhou uma carreira na TV atuando em *Agora É Que São Elas* (2003), *Celebridade* (2003), *A Lua me Disse* (2005), *Paraíso Tropical* (2007) e *Três Irmãs* (2009).

No teatro, Paulo Vilhena atuou nas peças *Tutti Frutti*, *Os segredos do Pênis* e *Quarto de Estudante*. Em 2005, a convite da diretora Laís Bodanzky, atuou na peça *Essa Nossa Juventude* que lhe rendeu elogios do saudoso Paulo Autran: "Me enganei com Paulo Vilhena. Eu disse que ele nunca seria um ator".

No cinema, Paulo Vilhena fez sua estreia no filme *Xuxa e o Tesouro da Cidade Perdida* em 2004. Em 2007, interpretou o protagonista de *O Magnata*, com roteiro de Chorão, vocalista do grupo Charlie Brown Jr. Também em 2007, o ator participou do segundo filme da diretora Laís Bodanzky, *Chega de Saudade*. E em 2009, Paulo Vilhena atuou no filme *Quanto Dura o Amor?*, além de viver o professor Marcelo de *As Melhores Coisas do Mundo*.

ZÉ CARLOS MACHADO

O ator interpreta o pai do protagonista Mano e do irmão Pedro. Na trama, Horácio terá a difícil missão de preparar seus filhos para aceitarem a nova vida.

Como foi trabalhar com Laís Bondanzky?

A inteligência, a sensibilidade e a humildade são qualidades intrínsecas da alma desta mulher. Isso, aliado ao seu rigor, disciplina, serenidade e disponibilidade para a troca, a torna ainda mais admirável e respeitada. Fora o bom humor. Com ela é festa no set. Festa de criação.

Como lidou com a questão da improvisação de diálogos sugerida no roteiro? E com atores que debutaram no cinema como Francisco Miguez e Fiuk?

Um roteiro bem estruturado que abre espaço para a investigação e aprofundamento da alma destas personagens. Isso contribuiu para que eu navegasse pela improvisação com mais segurança, porque sabia melhor das razões implícitas. O processo também contribuiu para que uma intimidade se estabelecesse no elenco, e nos deixou mais disponíveis para o jogo. Isso nos deixou mais confiantes. Facilitou a relação com o Fiuk e o Francisco Miguez, que já estavam em treinamento há algum tempo e tinham conquistado as regras, tinham uma rede de proteção para deixar que o espontâneo, o intuitivo se manifestassem. E o resto foi... trabalho. E prazer.

Como acompanhar a vida dos filhos enfrentando uma separação como a de seu personagem e de Denise Fraga?

Acompanho a vida dos meus filhos e com isso sei que vou aprender mais. Educar também tem suas exigências e dificuldades. E sei que o meu olhar para o universo do pensamento pode também ser transformado. O ato do amor, esta palavra tão banalizada, é que tem que se estabelecer. Assim o creio.

Com relação à separação, dificilmente estaremos isentos da dor e das fricções que normalmente advém daí, principalmente num casal que está junto há vinte anos e com dois filhos.

Como você encara a figura de Horácio, um acadêmico, com estrutura familiar estável sair de casa para viver um novo amor?

O Horácio também não está isento das fissuras na alma provocadas pelos novos caminhos que a vida lhe reservou. Mas a sua atitude de sair de casa para viver um grande amor, é bastante corajosa. O percurso que ele fez para tomar esta decisão não foi fácil, mas respeitou o seu desejo e a sua integridade, portanto tudo tende a encontrar seu ponto de equilíbrio. Até porque no meu ponto de vista, ele não foi um mau marido, um mau pai. E sua dignidade não permite que viva de maneira hipócrita.

BIOGRAFIA DE ZÉ CARLOS MACHADO

O ator e diretor José Carlos Machado foi um dos principais integrantes do Grupo Tapa. Atuou em peças como "Rumo a Cardiff", "Major Bárbara". No cinema, participou de filme como "Ação entre Amigos", de Beto Brant, "Olga", de Jayme Monjardim, "Crime Delicado", de Beto Brant, "A Casa de Alice", de Chico Teixeira, entre outros. No teatro, dirigiu o espetáculo "A Lua é Minha", peça escrita por Mário Bortolotto. Fez aparição no seriado juvenil Malhação. Em 2008, fez peça com grupo Tapa e em 2009, fez parte do elenco da novela "Vende-se um véu de noiva", do SBT.

Faz parte do grupo Tapa e apresentou as peças "A Moratória" e "O Ensaio" até 7 de Março. Prepara-se para rodar o filme dos queridos Beto Brant e Renato Ciasca, adaptação do romance "Eu receberia as piores notícias dos teus lindos lábios", do

grande Marçal Aquino. E inicia os ensaios para a peça "Mente Mentira", de Sam Shepard, com direção do Paulo Moraes, numa produção do Malvino Salvador.

GABRIELA ROCHA

Estudante do terceiro ano do colégio Dante Allighieri, Gabriela Rocha interpreta no filme Carol. Melhor amiga de Mano, que acaba descobrindo o verdadeiro amor. Aos 16 anos, Gabriela prepara-se para terminar o ensino médio. A jovem decidiu participar dos testes para elenco quando a organização esteve em sua escola. "Quando era menor, tinha a idéia de me ver na televisão", comenta. As únicas aulas de dramaturgia que teve foram no colégio e dos 13 aos 14 anos, em que cursou a escola de teatro Macunaíma.

No set, Gabriela reparava em cada detalhe. "Não sabia que uma equipe de filmagem tinha tantas pessoas trabalhando e que há pessoas, por exemplo, que são responsáveis em medir o foco da câmera", diz. O preparo da jovem para viver a personagem Carol começou nos testes.

À medida que passava de fase, a jovem ficava mais próxima da personagem. Nos testes, que duraram aproximadamente quatro meses, Gabriela já fazia cenas presentes no roteiro. Mas ainda não sabia que seu trabalho seria viver o papel de Carol no filme. A prima de Gabriela sempre a incentivou a carreira de atriz. "Durante os testes meus parentes do interior fizeram até novena para passar", comenta.

Quando soube que estava destinada ao papel de melhor amiga do protagonista, Gabriela já pensava como a personagem. "Quando lia o roteiro imaginava cada detalhe. A Carol é uma pessoa que não muda de um dia para o outro. Acredito que ela tenha amadurecido durante o filme." Na vida real, Gabriela não é tão romântica como Carol. Mas atitudes como andar com meninos e ser muito extrovertida são traços comuns. "Falo tudo aquilo que penso e ela também", comenta.

Como preparação para a personagem, Sergio Penna pediu aos jovens que fizessem uma espécie de diário de bordo sobre os dias de trabalho. O que achavam que tinha feito certo ou errado. Sensações. E, a partir do que era escrito ali, Gabriela montava a sua Carol.

Para ela, o trabalho com a diretora Laís Bodanzky foi enriquecedor. "Laís pedia para que não decorássemos as falas. "Recomendava que concentrássemos no sentido e pegássemos apenas as palavras chaves", conta. Gabriela também destaca a sensibilidade da diretora ao pedir para que os atores discutissem sobre suas personagens. "Ela nunca respondia de primeira. Para isso, parava, pensava e dizia:

olha se eu fosse você não iria por esse caminho.” Para Gabriela, “As Melhores Coisas do Mundo” é um retrato da vida dos jovens de hoje. “A história de Mano faz parte da realidade do adolescente. A Valéria, por exemplo, existem zilhões de meninas como ela por aí”, afirma.

Com a experiência vivida por ela na pele de Carol, Gabriela pensa em se tornar atriz. Mas, como ela mesma gosta de dizer, muda de idéia constantemente em relação à faculdade que deseja cursar. “Gosto muito de observar as coisas. Penso em ser médica, mas para trabalhar com neurocirurgia ou como legista. Gosto do processo de dissecar”, arrisca.

GABRIEL ILLANES

“É uma história com detalhes muito incomuns, mas totalmente possíveis”

Aos 16 anos, Gabriel Zancoper, neto de espanhóis e estudante do Colégio Miguel de Cervantes, cursa terceiro ano do ensino médio e pronto para pleitear uma vaga na carreira de administrador de empresas. Gabriel tem uma irmã gêmea chamada Luiza. Mas, da dupla, apenas um resolveu fazer os testes para o elenco de “As Melhores Coisas do Mundo”. O que o motivou a fazer os testes para fazer parte do elenco foi a diversão que eles ofereciam. “Nunca pensei em me tornar ator”, confessa. Mais tarde ficou surpreso ao saber que, de dois mil jovens, foi um dos seis escolhidos para fazer parte do elenco.

Sua experiência em “As Melhores Coisas do Mundo” começou na fase de testes, em que tinha de improvisar diálogos e atitudes, em jogos de interpretação. Ao lado de outro menino da sua idade, Gabriel teve que encenar uma briga. “Tinha que peitar e discutir com um garoto. Foi a maior tensão. Pensei na hora em que fiquei nariz com nariz com o menino, c****, velho, que tensão”, ri.

Durante as filmagens, ia três vezes por semana aos sets viver o personagem Deco, o melhor amigo de Mano, com quem tem uma relação conturbada de infidelidade durante o filme. Nos ensaios se relacionava mais com os personagens de Gabriela (que interpreta Carol) e de Francisco (Mano).

“Confesso que tudo começou com muita brincadeira. Meus pais estavam um pouco com o pé atrás, principalmente pela escola”, comenta.

Tornou-se amigo dos meninos que fizeram também a figuração do filme. “Fritas”, ator que interpreta um dos amigos de Mano, e “Cookie”, a quem considera um irmão mais novo.

O que Gabriel traz de comum com o seu personagem é o fato de Deco ter uma figura de boa praça e fazer o papel do engraçado do grupo, pois leva tudo na brincadeira. No entanto, confessa que tem receios de ser confundido com Deco por suas características negativas. “Tenho medo de que as pessoas pensem que vou ficar me achando, ou de que eu sou pegador.”

Quanto à postura de Deco com as mulheres, Gabriel diz que é totalmente diferente da que possui na vida real. “Tenho uma irmã gêmea mulher e me identifico com ela. Por isso respeito muito a figura feminina”, comenta.

Seu conhecimento de cinema se limitava a de mero espectador. “Não tinha idéia de como um filme era feito. Quando fiz a cena dentro do táxi, é que vi o tamanho de tudo aquilo. Os caminhões e o número de pessoas trabalhando. É incrível”, comenta. “Sinto uma puta saudade de sair à noite, na rua, para buscar a galera para filmar. Isso ainda me faz muita falta.”

A primeira vez que se viu numa tela maior do que a de uma tevê, Gabriel se surpreendeu. “Quando me assisti fiquei em choque. Só aí que começou a cair minha ficha do grau de importância disso tudo”, explica.

Na vida real, Gabriel gosta de estar com os amigos, acha que, independente da situação, ao lado deles, sempre será sinônimo de diversão. Gosta de ouvir música e tocar violão. Adora ir ao cinema. E, depois de sua experiência com ele, o vê com outros olhos. Hoje, consegue reparar não só no enredo, mas também no cenário, figurino e garante que seu olhar se tornou mais apurado, até mesmo para notar jogos de câmera.

GUSTAVO MACHADO

“As Melhores Coisas do Mundo é um filme para que o jovem se veja na tela”

Ator, diretor e dramaturgo, Gustavo Machado se tornou uma figura importante no teatro e cinema nacional. Em “As Melhores Coisas do Mundo” interpreta o também Gustavo, um dos orientandos de Horácio (Zé Carlos Machado).

O que achou de um enredo como o de “As Melhores Coisas do Mundo”?

É raro ver um filme brasileiro voltado ao adolescente, classe média sem o olhar do menino favelado, excluído. Ter como cenário a escola cara, os dramas e ciladas que todo jovem passa. E, num filme como esse, não tem como fazer um filme sem falar do

rito. E isso é o bonito do filme. É o primeiro passo para a maturidade. E a Laís (Bodanzky) sabe contar uma história como ninguém. Acho que “As Melhores...” é um retrato importantíssimo do jovem que até então vinha sendo retrato de uma forma um pouco imbecilizada. Esse é um filme para que o jovem se veja na tela.

Como foi trabalhar com um elenco de nomes como Denise Fraga e Zé Carlos Machado?

Nunca tinha trabalhado com o Zé. Ele é um querido. É super do bem e estamos no elenco do próximo filme de Beto Brant. Com a Denise também nunca havia contracenado. E tive pouco contato durante o filme. Para mim, ele é uma atriz super talentosa. Assisti a suas peças, acho que ela consegue fazer da comédia ao drama com muita maestria.

E como foi sua experiência com um núcleo mais jovem de atores que nunca tinham feito cinema?

Esses jovens vêm com a coisa viva. É o puro *to play*. Eles não têm nenhuma linguagem técnica. São concentrados e divertidos. E sabem jogar o jogo de uma forma franca. No mundo da interpretação há uma expressão que diz o seguinte: “Levei minha vida toda para atuar com uma criança”. Acho que isso que todo ator quer. Saber mergulhar num personagem, de forma pura e sem vícios como fizeram esses jovens.

BIOGRAFIA GUSTAVO MACHADO

Ator, diretor e autor, Gustavo tem no currículo montagens de destaque como “Essa Nossa Juventude”, de Laís Bodanzky (2005), com a qual foi indicado a Melhor Ator no Prêmio Shell de 2006; “O Avarento” (2006) e “Cleide, Eló e as Peras” (2006). No cinema, participou de produções premiadas como “Bicho de Sete Cabeças”, de Laís Bodanzky (2001); “Contra Todos, de Roberto Moreira” (2002); “O Corpo” (2007), de Rossana Foglia e Rubens Rewald; “Nome Próprio” (2007), de Murilo Salles; “Bróder,” de Jefferson De (ainda inédito); e “Olho de Boi”, de Hermano Penna, pelo qual ganhou o Kikito de Melhor Ator em Gramado (2007) e da Associação Paulista de Crítica de Arte (APCA).

Atualmente faz parte da peça “Pornô-Falcatrua No 18.633”. Estreará projeto ao lado de Gero Camilo e Paula Cohen. Faz parte da banda “Desbunde”, em que compõe as letras e é vocalista. Filmará o próximo projeto de Beto Brant, a adaptação do livro de Marçal Aquino para os cinemas “Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios”.

CAIO BLAT

“Artur é um professor que quebra protocolos. Tem uma forma direta de se relacionar com os alunos, tratando-os de igual para igual”

Considerado um dos melhores atores da nova geração, Caio Blat acumula participações no cinema, teatro e televisão. Em “As Melhores Coisas do Mundo”, o ator interpreta o jovem professor Artur, que incentiva os alunos a se desafiarem, ao mesmo tempo colocando em dúvida tudo e todos.

Como surgiu o convite para trabalhar ao lado de Laís?

Laís e eu já vínhamos nos sondando há algum tempo. Desde o "Bicho de Sete Cabeças" a Cassia Kiss me dizia para aceitar qualquer convite que viesse dela. Quando estava escalando "Chega de Saudade" chegamos a nos falar, mas não rolou. A oportunidade surgiu neste filme, e eu não deixei passar.

Fale um pouco sobre seu personagem Artur.

Artur é um professor que quebra protocolos. Tem uma forma direta de se relacionar com os alunos, tratando-os de igual para igual. Luta para tornar o colégio um ambiente mais democrático e inteligente, transferindo bastante responsabilidade para os alunos, e criticando abertamente a direção quando julga procedente, o que faz com que os alunos se identifiquem muito com ele. É também ex-aluno do colégio.

Como foi trabalhar com um núcleo jovens atores?

Filmar com atores sem experiência anterior é um dos maiores privilégios da profissão. Nos obriga a estar sempre em estado de alerta, de troca. Nos obriga a ouvir com atenção o que vem deles. Nos leva a uma nova frequência de interpretação, contaminada pela espontaneidade dos jovens. Tentei usar a admiração que eles pudessem ter por mim como ator de cinema para construir o Prof. Artur, que também é admirado pelos alunos.

Na época de escola, você teve um "professor Artur" na vida real?

Tive alguns professores que me surpreenderam ao abrir mão de métodos ortodoxos, como verificar a lição de casa ou lista de presença. Foram os que mais me fizeram crescer, pois eu tinha que estudar por minha conta e estar na sala por vontade própria.

Tive um professor de Física que era "Trekker" (fã da série Star Trek, Jornada nas Estrelas) e andava com bótons com os personagens. Aquilo causava grande identificação com a turma.

O que você acha do universo escolar de hoje?

Acho um grande desafio atrair a atenção dos jovens no mundo de hoje. Assisto a revolução digital e vejo como a velocidade da informação acelerou. Ao mesmo tempo, a competição e a ansiedade do vestibular transformam o colégio em curso preparatório, mais preocupado em informar rapidamente do que em FORMAR. O colégio ideal teria que refletir mais o mundo real, com suas transformações sociais, políticas, com participação dos alunos nas decisões, na escolha do conteúdo, e mais formação política e artística.

No filme, você incita os jovens a buscar sua própria personalidade e a duvidarem de tudo, até mesmo de você. Esse, também, seria um recado para o jovem de hoje?

O jovem deve se acostumar desde cedo a tomar decisões e a caminhar pelas próprias pernas, formando um conjunto de valores próprios. A auto-referência e a autonomia serão muito importantes na faculdade e no trabalho, ou seja, no mundo real. As profissões tradicionais estão em crise, e a capacidade de adaptação é fundamental hoje. A criatividade é cada vez mais valorizada. Duvidar é o primeiro passo para uma nova descoberta.

BIOGRAFIA CAIO BLAT

Caio Blat acumula passagens pelo teatro, televisão e cinema. No cinema sua estréia foi marcada pelo filme “Caminho dos Sonhos”, de Lucas Amberg (1998). Atuou também em “Carandiru”, de Hector Babenco (2002); “Batismo de Sangue”, de Helvécio Rattón (2006); Baixio das Bestas, de Cláudio Assis (2007); “Bezerra de Menezes- O Filme”, de Glauber Filho e Joel Pimentel (2008); “Os Inquilinos”, de Sérgio Bianchi (2008) e recentemente “Bróder”, de Jeferson De (2009). “As Melhores Coisas do Mundo” (2010) marca sua estréia ao lado de Laís Bodanzky.

Na televisão, protagonizou a novela do SBT “Éramos Seis”. Na Globo, atuou em novelas como “Andando nas Nuvens”, “Um Anjo Caiu do Céu”, “Sinhá Moça” e mais recentemente “Caminho das Índias”. No teatro, atuou em peças como “Chorinho”, de Marcos Loureiro, e “Mordendo os Lábios”, de Hamilton Vaz Pereira.

SOBRE A PRODUÇÃO

Por Caio Gullane e Fabiano Gullane

Desafio da produção: fazer um filme para o jovem, que fosse complexo e envolvente

A Gullane tem uma parceria cinematográfica histórica com a diretora Laís Bodanzky. Laís tem a vibração e uma forma verdadeira de assumir projetos. Seu cinema é mais complexo, e ela faz uma espécie de mergulho catártico sobre o tema. O projeto pedia isso. Pedia alguém com essa genuinidade”.

O projeto para produzir “As Melhores Coisas do Mundo” é o fruto de uma grande sintonia entre as partes envolvidas. Warner, Gilberto Dimenstein, Gullane e os realizadores trabalharam em total comunhão. Todos focados num mesmo ponto, com objetivos convergentes.

Houve respeito pelo espaço do outro da parte de todos os envolvidos. As parcerias aconteceram de forma muito harmônica e natural. Laís preocupava-se se conseguiria mergulhar no tema a ponto de conseguir a chave do cofre. E, depois de três anos, aqui termina a gestação do filho. Uma grande vitória de todos, que se identificaram com o resultado.

O maior desafio em produzir um filme como esse é fazer com que o público a quem ele fala se identifique. O maior medo era o de se fazer um filme de jovens que parecesse conversa de “tiozinho”. Para isso, tivemos que “colar” nos meninos. E esse desafio foi transposto, graças a esse mergulho visceral no mundo deles.

O próximo passo depois da sua realização é conversar com o jovem com o filme na tela. O Brasil tem uma história cinematográfica quase nula para esse público. De acordo com a estatística apontada: 67% do público que frequenta os cinemas está na faixa de 14 a 24 anos.

Para isso, bolamos uma estratégia que foi a convocação do público jovem. E abrimos o jogo com eles. A Warner utilizou a internet como ferramenta para criar essa interatividade. E eles puderam participar da escolha do título do filme ao seu cartaz oficial.

O filme retrata a história de qualquer grande cidade. Foi inteiramente realizado na cidade de São Paulo e aborda questões que passam na vida de todo adolescente. Como o calendário de filmagens batia com o escolar precisamos olhar para outras instituições que não obedecessem a mesma agenda de ano letivo convencional.

O Liceu Pasteur abriu as portas para que fizéssemos de lá o cenário do universo escolar. Todas as escolas que visitamos foram importantes e parceiras para a realização do filme.

É um filme que vai dar assunto.

Queremos que o filme chegue aos jovens pelos próprios jovens. E, que não carregue um tom professoral. Mas que colabore com a formação do jovem. Não tem lição de moral. A idéia é que cada um busque sua lição na história. Por ter esse olhar na formação, o filme pôde ser financiado 100%.

A Melhor Equipe do Mundo

Por termos tido um financiamento integral, foi possível contratar a melhor equipe do mundo para o projeto. O dinheiro está todo na tela. Além da equipe de profissionais, utilizamos o formato cinemascope 2:3:5 para concorrer com o apelo desse jovem, que tem um apuro técnico reconhecido por grandes produções como “Homem Aranha”.

O foco é a exibição do filme no Brasil. Estamos criando uma estrutura muito grande para isso. Queremos construir uma carreira sólida no país. A partir disso, levá-lo para o mundo.

O nosso maior objetivo é que o público brasileiro se interesse e vá aos cinemas assistir ao filme. Quanto a sua vida após sua estréia, queremos que todos aqueles que participaram de sua concepção continuem com a mesma potência e energia.

FOTOGRAFIA – Mauro Pinheiro

BIOGRAFIA MAURO PINHEIRO Jr, ABC

Formado em cinema pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mauro Pinheiro Jr. trabalha com ficção, documentários e publicidade. Fotografou diversos curtas-metragens, entre eles “O Início do Fim”, de Gustavo Spolidoro, “Transubstancial”, de Torquato Joel, e “O Velho, o Mar e o Lago”, de Camilo Cavalcanti, pelos quais recebeu vários prêmios em festivais de cinema.

O diretor fotografou também alguns episódios de séries para televisão, como “Cidade dos Homens”, dirigidos por Roberto Moreira e Adriano Goldman e “Filhos do Carnaval”, dirigidos por Cao Hamburger, Flávio Tambelini e César Rodrigues.

Pelo seu primeiro trabalho como diretor de fotografia em um longa-metragem de ficção, “Cinema, Aspirinas e Urubus” (2005), recebeu os prêmios ABC 2006 (Associação Brasileira de Cinematografia) e APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte). Após esse trabalho, fotografou “Fica Comigo Esta Noite” (2006), de João Falcão; “A Casa de Alice” (2007), de Chico Teixeira; “Mutum” (2007), de Sandra Kogut; “Linha de Passe” (2008), de Walter Salles e Daniela Thomas; “No Meu Lugar” (2009), de Eduardo Valente.

MONTAGEM - DANIEL REZENDE

BIOGRAFIA DANIEL REZENDE

Daniel Rezende iniciou sua carreira em 1997, editando filmes publicitários e videoclipes. Ganhou projeção internacional quando seu trabalho de estreia em longas-metragens, Cidade de Deus, de Fernando Meirelles, foi indicado ao Oscar de Melhor Montagem em 2004.

A partir de então, Rezende, que é formado em publicidade pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, tem participado cada vez mais de projetos elogiados pelo público e pela crítica.

Após Cidade de Deus, Rezende montou Narradores de Javé (2003), de Eliane Caffé; Diários de Motocicleta (2004) e Água Negra (2005), de Walter Salles; O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias, de Cão Hamburger; Cidade dos Homens, de Paulo Morelli; Tropa de Elite, de José Padilha; episódios da série da HBO Filhos do Carnaval, de Cão Hamburger; e Blindness, de Fernando Meirelles.

DIREÇÃO DE ARTE - Cassio Amarante

Como enfrentar a simplicidade do roteiro? Em “As Melhores Coisas do Mundo”, a arte funcionou como pano de fundo. Os personagens é que exerceram a verdadeira beleza do filme.

Qual foi o maior desafio da direção de arte no filme “As Melhores Coisas do Mundo”?

Por ter uma falta de conflito social, no enredo, fez com que o filme proporcionasse uma base plana de conflito capaz de possibilitar a inserção de temas emocionais, sem a pressão e necessidade de estímulos visuais. Isso possibilitou para que houvesse uma discussão de sentimentos e histórias de cada um. É esse o item mais importante do filme. Ele fala da relação entre as pessoas.

Como foi o trabalho de direção de arte do filme?

Em cenas como, por exemplo, do quarto dos meninos quisemos dar a idéia do que o jovem acumula durante seu período de adolescência. As diversas coleções que povoam o seu universo que é o quarto.

A coisa do acumulativo pode traçar um perfil etário para o personagem. É incrível perceber que a troca de objetos, ou evidenciar alguma coisa, entre outras, pode modificar a sua maturidade.

O trabalho de direção de arte é uma visita ao mundo real. A observar objetos que pertencem a meninos.

Quais foram os elementos surpresas que surgiram durante a busca das locações para o filme?

A nossa maior surpresa foi a parceria que fizemos com a escola Liceu Pasteur. Seu desenho e suas instalações de qualidade contribuíram para o desempenho da direção de arte. Tudo tem conteúdo e, principalmente, por não ter critério de classe social aparente.

Um item surpresa foi a biblioteca da escola, que funcionou como um verdadeiro curinga. Utilizamos como cenário para a reunião dos pais, uma cena presente no filme. E um espaço da biblioteca também foi usado para ser a cafeteria da escola. Procurávamos lugares com interesse visual.

A casa onde mora a família de Mano pertencia a um membro da equipe que a sublocou para as filmagens. Os meninos que moram ali são os donos dos quartos usados pelos personagens de Mano e Pedro, uma casa de verdade. Banheiro, cozinha, tudo foi repintado para dar uma coerência de cores. Com isso, o filme ficaria interessante com um pacote estético. No seu universo interior teve um universo de cores.

Como São Paulo é apresentada no filme “As Melhores Coisas do Mundo”?

Procuramos dividi-la em duas cidades: Moderna, com o ambiente escolar. E antiga, na escadaria que Mano sobe para ir a casa do professor, o topo da cidade em que os irmãos sentam para tocar violão e o puteiro...

Aqui, a cidade não é um personagem. O filme não é sobre uma experiência. O filme é feito em SP, mas pretende se passar numa cidade qualquer. A direção de arte vai procurar não reforçar a identidade da cidade paulistana para abranger mais o público. Não queria dar a pinta de SP.

Como buscaram retratar a escola?

A escola aqui faz um papel mais amplo. Engloba um espectro mais largo possível. Não dá para saber se é escola de rico ou de pobre só pelo seu interior. A questão do estudo é peculiar a todo jovem. Tinha que ser uma escola genérica, uma família genérica, para poder abarcar maior número de pessoas que se identificassem como a história.

Quais foram os maiores desafios enfrentados pela arte no filme?

Acho que um dos maiores desafios era enfrentar a simplicidade do roteiro. A falta de um conflito permite que o filme trate de temas emocionais, sem a pressão de estímulos visuais. A sua simplicidade de ações dá base para discussão de sentimentos e histórias de cada um. É esse o item mais importante do filme. Fala da relação entre as pessoas.

Outro desafio era o de ser o mais realista possível para que as pessoas se encontrassem nas histórias contadas.

BIOGRAFIA CÁSSIO AMARANTE

Trabalhou pela primeira vez ao lado de Laís Bodanzky na peça para o teatro “Essa Nossa Juventude” (2005). Em 2008, ganhou o prêmio de Melhor Direção de Arte no Festival de Paulínia de Cinema com o filme “Encarnação do Demônio” (2007).

Formado em arquitetura, Cassio iniciou sua carreira no cinema como assistente de direção de arte e cenografia em “Terra Estrangeira”, de Daniela Thomas e Walter Salles. Em 1998, ao lado de Carla Caffé, fez a direção de arte de “Central do Brasil” (1998). Entre outros filmes em que assina a direção de arte estão: “Ação Entre Amigos” (1998), de Beto Brant, “Bossa Nova” (2000), de Bruno Barreto, “Abril Despedaçado” (2001), de Walter Salles, “O Casamento de Romeu e Julieta” (2005), de Bruno Barreto, “O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias” (2006), de Cao Hamburger, “Encarnação do Demônio” (2007), de José Mojica Marins e “As Melhores Coisas do Mundo”, de Laís Bodanzky.

TRILHA SONORA – BiD

Como definiria a trilha sonora do filme “As Melhores Coisas do Mundo”?

Definiria a trilha como folk-rock-eletrônico. Uma trilha mais urbana, mas com a cabeça aberta para mistura de ritmos. O que mais achei interessante dessa experiência foi poder entrar no universo adolescente e participar dele. Faço muita busca de ritmos. Isso se tornou minha característica; misturar ritmos. O barato foi dar a chance para a molecada fazer uma leitura não tão polida e, ao mesmo tempo, muito pensada. No filme, compus e toque violão e guitarra.

Foi feita também uma pesquisa entre bandas de colégio. Essa primeira seleção era repassada para mim e para Laís. E depois batíamos o martelo juntos. Acho que 95% do que selecionávamos eram os mesmos grupos.

O que considera ter sido o diferencial no direcionamento musical do filme?

O fato de poder estar no set. Atuei mais como um diretor musical de cena. Isso ajudou muito na concepção para a trilha sonora do filme. Também pude tocar durante a filmagem em algumas cenas, como quando o professor de música Marcelo (Paulo Vilhena) toca para o protagonista. Fui responsável também pelo preparo dos personagens Mano (Francisco Miguez) e Pedro (Fiuk).

Arnaldo Antunes escreveu uma faixa exclusiva para o filme que chama “As Melhores Coisas”. A música foi realizada por mim e pelo meu parceiro Fernando Nunes.

Qual foi a curiosidade ao escolher os Beatles como música tema do protagonista?

Primeiro fizemos uma pesquisa com os jovens para saber o que estavam ouvindo. E, então, o nome dos Beatles apareceu com frequência. A nossa primeira escolha foi “Blackbird”. Mas a beleza do acaso do cinema fez com que escolhêssemos “Something”. A faixa apareceu para nós como um elemento surpresa e, mais tarde, não existiria música melhor para conversar com Mano do que ela. Contatei, então, uma banda cover dos Beatles e pedi uma versão da faixa para o filme. O resultado foi maravilhoso. Ela ficou com uma sonoridade setentista.

Como foi o trabalho ao lado do montador Daniel Rezende?

Daniel também é super musical. Minha parceria se tornou direta com ele. Falei para a Laís que estava muito inspirado e compondo muito, pois estava à espera do meu filho. Perguntei a Laís se podia criar e mandar diretamente a ele. Começamos um trabalho mais direto e isso deu um contexto mais funcional a música.

De que maneira a música funcionou como elemento para identificar o ganho de maturidade dos personagens?

Tinha que ficar muito atento aos elementos que a música poderia apresentar para ditar o amadurecimento dos personagens. Por exemplo, no começo Mano não sabia

tocar violão direito. Francisco tinha que atuar como se não soubesse mesmo. E isso era mais difícil, pois ele já estava familiarizado com o instrumento. Tínhamos que passar essa verdade ao público. Por isso, tínhamos que fazer todo um trabalho, meio que contrário a do aprendizado. Com Paulo Vilhena foi ao contrário. Ele interpreta um professor de violão e na vida real não sabe tocar o instrumento. Teve que ter aulas básicas para dedilhar com alguma noção.

BIOGRAFIA BiD

Multi-instrumentista, compositor, DJ, arranjador e produtor musical, BiD produziu discos premiados de Chico Science & Nação Zumbi. Fez diversos remixes para artistas, entre eles, Jorge Benjor.

Compôs e produziu trilhas cinematográficas como “O Primeiro Dia”, de Walter Salles, e fez a trilha sonora do filme “Chega de Saudade” (2007), de Laís Bondazky, o que lhe rendeu o prêmio de melhor trilha sonora do 3º Festival Contigo de Cinema, realizado em agosto de 2008.

Fez também trilhas para os documentários “São Paulo - Retratos do Mundo”, de Flavio Frederico, e “O Avesso da Bossa” de Rogerio Gallo, onde criou encontros musicais inéditos como Gil e Chico César, Jorge Benjor e Carlinhos Brown, Naná Vasconcelos com Nação Zumbi e Otto e Lenine com Fernanda Abreu e Pedro Luis e a Parede.

Produziu jingles e spots para marcas famosas como Guaraná, IBM, LG, Greenpeace, Casas Pernambucanas, Gillete, entre outros. Para televisão, criou o tema de abertura do seriado “Mothern” além da criação e produção dos temas e vinhetas do Grammy Latino transmitido pela TV Bandeirantes e a trilha sonora original da minissérie “Diadorim e Riobaldo”, de Guimarães Rosa, transmitido pela TV Record no especial de fim de ano, ambos em 2008.

PREPARAÇÃO DE ELENCO – Sérgio Penna

Como foi trabalhar com elenco de atores ao mesmo tempo experiente (Denise Fraga, Zé Carlos Machado, Caio Blat e Paulo Vilhena) ao lado de um núcleo mais jovem que debutam no cinema?

Em um primeiro momento, os atores se encontraram para leituras do roteiro e conversas aprofundadas sobre as personagens e a relação entre elas. Em seguida, aconteceram ensaios onde cada ator foi descobrindo na prática a forma de pensar e agir de suas personagens, em improvisações dirigidas a partir de situações dramáticas propostas, batizadas de composições instantâneas.

De um lado tínhamos um elenco mais jovem que, apesar da pouca experiência artística, trazia um conhecimento e uma intimidade com os dramas das personagens que foi fundamental no trabalho.

A identificação com a história e a liberdade que tiveram para compor suas personagens, criar os diálogos e sugerir desdobramentos cênicos, fez com que todos se sentissem a vontade e confiantes.

De outro lado, tínhamos os atores mais experientes, que sabiam da importância de suas personagens, mas compreenderam desde o início que os adolescentes seriam os protagonistas e que o trabalho estaria ancorado na parceria com este elenco mais jovem.

Com o decorrer dos ensaios, a vitalidade dos jovens atores e a segurança dos atores mais experientes foi equilibrando-se e todos ficaram igualmente tomados pelo processo e a diferença entre eles praticamente desapareceu.

Guiados pelas necessidades dramáticas do roteiro e através dos exercícios de composição instantânea, os atores mergulharam juntos no mundo das suas personagens em busca da lógica interna e das reações de cada uma diante dos conflitos.

Tomando como exemplo a relação da personagem da mãe com seus dois filhos, a cada encontro da Denise Fraga com o Fiuk e o Francisco Miguez, ela ia conhecendo melhor tanto os atores como as personagens, estabelecendo uma relação que seria determinante para um maior entendimento daquela família e para a entrega aos sentimentos que estavam em jogo.

A preparação do elenco possibilitou o encontro de atores com experiências bem diversas e alcançou uma homogeneidade no tempo das ações e das interpretações.

Qual foi a maior dificuldade trazida para o set?

O trabalho de preparação dos atores começou dois meses antes das filmagens, ainda durante a seleção do elenco. Os ensaios não eram para levantar as cenas, serviam como mergulhos diários na compreensão da história e das personagens.

A cada dia eram trabalhadas situações dramáticas do roteiro onde os atores experimentavam as reações, sensações e emoções de suas personagens, em improvisações dirigidas, batizadas de composições instantâneas.

Os ensaios criaram o imaginário das personagens e depois serviram como memória para os atores. Esta memória era acionada no set de filmagem através de exercícios de corpo, respiração, música e troca de diálogos.

O set, sempre com muita gente, exige por parte do ator muita concentração e foco nos sentimentos da personagem e nos objetivos das cenas. Neste sentido, o elenco com menos experiência artística tinha que estar muito atento e disciplinado, principalmente às questões das filmagens que não seguiam a linearidade do roteiro, para garantirem uma continuidade emocional.

Como trabalhou a improvisação? Como buscou estudar o comportamento do jovem de hoje, para que atuação não ficasse tão caricatural?

O roteiro já trazia aspectos humanos e densos da juventude da cidade de São Paulo, indicando um caminho longe de qualquer superficialidade. Durante o trabalho de preparação, os atores buscaram as camadas mais profundas na composição de cada personagem e criaram uma espécie de lastro emocional que fundou a relação entre cada um e sua personagem.

Quanto mais fundo o ator disponibiliza-se para este mergulho, menos chances ele tem de ficar na caricatura. Além disso, a presença de um elenco jovem, sensível e muito sintonizado com a sua própria realidade foi fundamental para compreender-se este universo e chegar-se em um resultado cênico sincero e verdadeiro, formando um precioso recorte da adolescência.

BIOGRAFIA SÉRGIO PENNA

Sergio Penna é preparador de atores para cinema e televisão, diretor de espetáculos teatrais, curtas em vídeo e programas radiofônicos, além de professor convidado de Direção de Atores do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA/USP; da Escuela Internacional de Cine y TV - Cuba e da Academia Internacional de Cinema-SP.

Em cinema, realizou a preparação de elenco dos filmes “Bicho de Sete Cabeças”, “Chega de Saudade” e “As Melhores Coisas do Mundo”, de Laís Bodanzky; “Carandiru”, de Hector Babenco (filme e série para a TV); “Batismo de Sangue”, de Helvécio Ratton; “Contra Todos” e “Quanto Dura o Amor?”, de Roberto Moreira; “Não Por Acaso”, de Phillippe Barcinski; “Antonia” (filme e série para a TV), de Tata Amaral; “Lula o Filho do Brasil”, de Fabio Barreto; dentre outros.

PRODUÇÃO DE ELENCO – Alessandra Tosi

“Olhava no olho de cada um para saber se interpretar era mesmo o que eles queriam fazer”

A busca e construção do elenco de “As Melhores Coisas do Mundo” durou cinco meses. O filme marca a estréia de Alessandra ao lado da diretora Laís Bodanzky, Diante de uma pesquisa abrangente pelos colégios paulistanos, Alessandra e sua equipe realizaram mais de dois mil testes.

O trabalho para escolher quem seriam os jovens que viveriam personagens como Mano, Carol e Deco tinha início a partir do envio de formulários aos pais dos alunos das escolas visitadas, uma espécie de pedido de autorização. Dada a autorização, uma entrevista era feita com os jovens que respondiam perguntas como: *o que faz no seu tempo livre?*. As fitas eram enviadas à diretora e analisada juntamente com Alessandra. “Os que se sobressaíam chamávamos para uma segunda entrevista”, lembra.

“Nessa fase, reunimos os jovens em grupos de vinte pessoas. A responsabilidade já era maior, pois tínhamos tirado esses estudantes do seu território familiar”, comenta. Já nesse contexto, os jovens já faziam jogos de improvisação. E já eram assistidos por Penna e Bodanzky. “Assistíamos a cada fita de exercício. A Laís foi super aberta para receber opiniões. O fato de Laís deixar com que colocassem também sua opinião no roteiro fez com que muitos deles trouxessem o seu olhar para o trabalho. Aquilo que acreditavam ser a figura do jovem”, comenta.

O trabalho com os jovens no set era algo que exigia muita responsabilidade. Alessandra era encarregada do destino de todos os envolvidos. “Conscientizávamos os jovens de que aquilo ali era um trabalho e que era preciso levar com seriedade”.

Determinado o elenco, o desafio era conseguir uma espécie de “suspensão” desses alunos da escola. Alguns deles, principalmente Francisco Miguez, que viveria o protagonista Mano, passariam mais de dez horas no set, acordando às cinco da manhã durante algumas semanas. “Francisco precisou de professores particulares. Eu fazia a ponte entre a direção, os meninos, e os pais”, lembra.

Na seleção do elenco para o papel dos pais e professores, a produção pensou em atores que pudessem servir de modelos para os jovens. “Pensamos em nome de atores que fossem generosos com esses jovens, que nunca haviam feito um trabalho como aquele”, afirma a produtora.

BIOGRAFIA ALESSANDRA TOSI

Alessandra se formou na faculdade de cinema da FAAP. Começou sua carreira no longa-metragem de Carlos Reichenbach, “Garotas do ABC”. Trabalhou em filmes como “O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias”, “As Melhores Coisas do Mundo”, de Laís Bodanzky, o inédito “Boca de Lixo”, de Flávio Frederico, e o primeiro longa do cineasta André Ristum – “Meu País” (em finalização).

FIGURINO - Caia Guimarães

Um filme em que o figurino não pode aparecer. “Nada caricato, e sem forçar a barra”.

O figurino de “As Melhores Coisas do Mundo” não é para chamar atenção. Os jovens são muito críticos. Qualquer acessório colocado de um modo diferente de que eles costumam usar, e eles já não se enxergam ali.

Para trabalhar a figuração do filme, Caia Guimarães visitou alguns colégios de São Paulo, de lá tirou fotos de referências para vestir os personagens. Álbuns do Orkut também foram visitados para busca de tendências.

O elenco de atores adolescentes possibilitou que fizesse uma pesquisa com os jovens, como o lugar em que costumam comprar suas roupas, o que para eles é moderno, o que é considerado brega, até mesmo na quantidade de peças usadas por eles.

“A diferença no figurino é sutil, pois o filme gira em torno de uma família e de um grupo de amigos, da mesma escola e nível social”, coloca.

BIOGRAFIA CAIA GUIMARÃES

Produtora de figurino para cinema, teatro e peças publicitárias, Caia Guimarães foi responsável pelos trabalhos de “Cristina quer Casar”, de Luiz Villaça (2003); “O Casamento de Romeu e Julieta” (2005) e “Caixa Dois” (2007), de Bruno Barreto.

A SÉRIE INFANTO-JUVENIL “CIDADÃO-APRENDIZ”

Criada em 2002, a série intitulada “Cidadão-Aprendiz” é um trabalho conjunto entre o jornalista e educador Gilberto Dimenstein e a autora de livros infanto-juvenis Heloísa Prieto. Idealizada pelo braço educacional da editora Ática, a coleção “Cidadão-Aprendiz” apresentou série de seis livros-tema sobre as descobertas do protagonista chamado Hermano, conhecido como Mano.

Mano Descobre a solidariedade, Mano Descobre a Diferença, Mano Descobre a Ecologia, Mano Descobre a Liberdade, Mano Descobre a Paz e Mano Descobre o Amor. O último título, adaptado para o teatro.

Em 2010, a série *Mano: Cidadão-Aprendiz* ganhará mais um título: *Mano Descobre a Arte*. Dessa vez, o garoto vai descobrir que a arte – em suas várias manifestações – vai muito além do que ele imaginava. Em meio à paixão pela melhor amiga e a chateação com um casal de colegas encrenqueiros em sua classe, Mano ainda precisa enfrentar a timidez e se preparar para um sarau... Sorte que ele e a amiga Carol encontram um senhor misterioso e amalucado, que vai ajudar os dois a entender melhor os caminhos da arte e sua relação com o dia a dia.

GILBERTO DIMENSTEIN

A ideia era criar um personagem contemporâneo e mais urbano que dialogasse com uma faixa etária específica

A ideia de construir um personagem como o Mano surgiu quando estava morando em Nova York. Há muito tempo trabalhava com temáticas importantes como habitação e cidadania. E, através dessa experiência, pude ver que faltava um personagem, uma referência ao adolescente de classe média. A partir dessa sensação é que foi nascendo a figura de Mano.

Minha preocupação era dar um tom ficcional para uma série que era retirada da realidade. A ideia era criar um personagem contemporâneo e mais urbano que dialogasse com uma certa faixa etária.

Nessa mesma época pude participar da elaboração de um livro didático. Foi quando fui apresentado à escritora Heloísa Prieto e então pensei em me unir como uma parceria para criação da série.

E, desde sua criação, a série vem sendo usada em sala de aula sempre com essa conversa de cidadania.

Em que se baseou para a criação de Mano?

O filme carrega uma história que se assemelha a minha vida. Na época da criação do personagem, meus filhos Marcos e Gabriel, moravam comigo em Nova York. Era um momento em que passávamos muito tempo juntos. Ouvia muito que diziam. Foi um período de aprendizado muito grande. O Mano foi montado nessa vivência familiar.

Como ocorreu o convite para adaptar Mano às telas de cinema?

O livro já tinha inspirado a construção de uma peça teatral. A Warner se interessou em levar a história para os cinemas e a Gullane foi atrás de um diretor que pudesse traduzir, com toda sensibilidade, a história do Mano.

Acompanhou a construção do roteiro, de Luiz Bolognesi para o filme?

Sempre tive a idéia de que quem cria um personagem, o cria para o mundo. No roteiro de Luiz dei muito pouco palpite. A liberdade de criação foi total. O texto da série foi um orientador para a criação dos personagens.

Qual foi sua sensação ao assistir pela primeira vez “As Melhores Coisas do Mundo”, de Laís Bodanzky?

O resultado do trabalho de Laís Bodanzky em “As Melhores Coisas do Mundo” me fez sentir que estava ali diante de dois filmes. Aquele que fiz com meus filhos, e este que, agora, assisto ao lado deles. Muito sensível. Fiquei emocionado com o resultado.

BIOGRAFIA GILBERTO DIMENSTEIN

Gilberto Dimenstein é, na atualidade, um dos jornalistas brasileiros de maior renome internacional. Completou sua educação em escolas paulistas, tendo estudado na Faculdade de Jornalismo da Fundação Cásper Líbero.

Dimenstein viveu em Nova York, nos Estados Unidos, onde foi um *visiting scholar* no Center of Human Rights da Columbia University. É membro da Comissão Executiva do Pacto da Criança, coordenado pelo Unicef desde 1992. Na ocasião, foi nomeado *expert on mission*. Uma bolsa de estudos lhe foi oferecida pela MacArthur Foundation para investigar a violência e prostituição da criança na Amazônia, entre 1991 e 1992. O resultado foi livro “Meninas da Noite”, já publicado em vários países. A obra gerou um documentário no programa “Turning Point”, da rede ABC em agosto de 1994.

Seu livro “A Guerra dos Meninos” foi patrocinado pela Unicef e ganhou tradução em diversos idiomas. Outro trabalho seu, “O Cidadão de Papel”, é uma obra sobre os direitos da criança, utilizada como livro-texto em escolas brasileiras. A obra recebeu o Prêmio Jabuti (o mais importante da literatura nacional) de melhor livro não-ficcional de 1993. “A Democracia em Pedacos” também é de sua autoria.

Foi agraciado com vários prêmios, entre os quais vale ressaltar: Child and Peace - Information, da Unicef, 1993; Maria Moors Cabot, Special Citation, Columbia

University, 1990; Prêmio Esso de Jornalismo, 1988. Em 1995, foi agraciado com o Prêmio Nacional de Direitos Humanos, juntamente com o Cardeal D. Paulo de Evaristo Arns.

Possui ampla experiência como jornalista, trabalhando em importantes órgãos da imprensa nacional. Atua como colunista e membro do Conselho Editorial da Folha de S. Paulo, foi Diretor da Sucursal da Folha de S. Paulo em Brasília; chefe da Agência de Notícias da Folha de S. Paulo; repórter do Jornal do Brasil, do Correio Brasiliense, da Revista Visão, do Jornal Última Hora, ente outros. Hoje atua também como comentarista da CBN-Central Brasileira de Notícias (Rede Globo) e coordena o site Catraca Livre.

PRODUÇÃO

Gullane

Criada há 14 anos, pelos irmãos Caio Gullane e Fabiano Gullane, somou produções de sucesso ao longo dos anos. Em 2008, foi responsável pelo lançamento de três obras marcantes. Encabeçado pelo sucesso de Laíz Bondazky, "Chega de Saudade". Foi responsável pela produção de "Encarnação do Demônio", que marcou o retorno de José Mojica Morins, autor do lendário personagem de terror "Zé do Caixão", e "Terra Vermelha", produção conjunta com a Itália, considerado o Melhor Filme do Festival de Veneza, de 2008.

Em 2008, a produtora também foi responsável por "Alice". Sucesso absoluto, a série de TV criada para o canal a cabo HBO Latin America ficou entre as cinco programações mais assistidas do país.

Em 2010, lança "As Melhores Coisas do Mundo", de Laís Bodanzky. E está em processo de finalização de outros projetos, entre eles, "Lutas", também produzido em parceria com a Buriti Filmes.

Casa Redonda

Produtora especializada na convergência entre cultura, educação e arte, a Casa Redonda, criada em 2003 pelas irmãs Minom e Jasmim Pinho, é especializada na criação, desenvolvimento e aplicação de projetos socioculturais e educativos que promovam a difusão do conhecimento, a ética e o fortalecimento da identidade nacional.

Produtora associada no documentário "Pro Dia Nascer Feliz" de João Jardim, a Casa Redonda foi responsável também pelo projeto escola dos filmes "O Contador de Histórias", de Luiz Villaça e "Zuzu Angel", de Sergio Rezende que ofereceu sessões educativas gratuitas, seguidas de debate, site para ampliação de pesquisa sobre o filme e guias impresso e digital dirigidos a professores. Em 2010, prepara um projeto educativo sobre valores na juventude para acompanhar o lançamento de "As Melhores Coisas do Mundo" de Laís Bodanzky, primeiro longa metragem de ficção co-produzido pela Casa.

Buriti Filmes

Além da realização de longas-metragens, e curtas, a produtora é admirada por atuar e exercer trabalho junto a comunidade de baixa renda. Intitulado "Cine Tela Brasil", o projeto já permitiu o acesso ao mundo do cinema para mais de 650 mil pessoas de todo o Brasil. Com mais de setenta prêmios no mundo todo, a produtora, chefiada por

Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi foi responsável pelo premiado “Bicho de Sete Cabeças”, estrelado por Rodrigo Santoro, em 2001.

Laís Bodanzky voltou a elevar a qualidade do cinema brasileiro com a produção conjunta com Gullane Filmes, “Chega de Saudade”, de 2008.

Atualmente, desenvolve o projeto “Lutas” - longa de animação que conta cinco histórias de personagens do Brasil baseadas em episódios reais. Além disso, a produtora dá andamento ao longa-metragem “Sacy”, ficção voltada ao universo infantil sobre o mito brasileiro, Saci Pererê.

CO- PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Warner Bros. Pictures

A Warner Bros. Entertainment Inc. é líder mundial em criação, produção, distribuição, licenciamento e marketing de todas as formas de entretenimento e negócios correlatos. Seu acervo possui mais de 6.650 longas-metragens, 40 mil produções televisivas e 14 mil títulos em animação (incluindo mais de 1,5 mil clássicos da animação em curta-metragem).

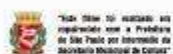
No Brasil desde 1929, a companhia trouxe para o país clássicos do cinema como *Casablanca*, *Meu Ódio Será sua Herança*, *Um Bonde Chamado Desejo*, franquias como *Matrix*, *O Senhor dos Anéis* e *Harry Potter* e sucessos de bilheteria como *Batman – O Cavaleiro das Trevas*, que se tornou o quarto filme da história a ultrapassar a marca de US\$ 1 bilhão em arrecadação mundial. A história de sucesso no Brasil inclui mais de mil filmes que atingiram um público superior a 500 mil espectadores e diversas produções nacionais, como *O Homem que Desafiou o Diabo*, *Zuzu Angel*, *A Mulher Invisível* e *O Contador de Histórias*.

PATROCINADORES

Apresentador



Patrocínio



Apoio Institucional



Projeto apoiado pelo Governo de São Paulo, Secretaria de Estado de Cultura, Programa de Fomento ao Cinema Paulista 2009 e Programa de Apoio Cultural 2009.